

QUANDO UMA PESSOA ESTÁ PRESTES A PERDER
TUDO, SÓ O AMOR PODE SALVÁ-LA

NICHOLAS SPARKS

Mais de 100 milhões de livros vendidos



O DESEJO



ARQUEIRO

O DESEJO

Título original: *The Wish*

Copyright © 2021 por Willow Holdings, Inc.
Copyright da capa © 2021 por Hachette Book Group, Inc.
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia de Almeida

preparo de originais: Cristiane Pacanowski

revisão: Luíza Côrtes e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

design de capa: Flag

arte de capa: Tom Hallman

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Getty Images (fogos e mar ao fundo)

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726d

Sparks, Nicholas, 1965-

O desejo / Nicholas Sparks ; [tradução Livia de Almeida]. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: The wish
ISBN 978-65-5565-222-2

I. Ficção americana. I. Almeida, Livia de. II. Título.

21-73521

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Pam Pope e Oscara Stevick

Carta aos leitores



Este livro é muito especial para mim, pois une duas profundas paixões que tenho: o fascínio por viagens e minha longa ligação com a Carolina do Norte, onde todos os meus romances se passam.

Nos últimos dezoito anos, começando com a viagem documentada em meu livro de memórias *Três semanas com meu irmão*, tive o privilégio de visitar alguns dos lugares mais extraordinários do mundo, cada um deles inesquecível pela geografia natural, a história cultural única ou a vida selvagem impressionante.

Mas a melhor parte de toda viagem é voltar para casa... e a pequena Carolina do Norte é meu adorado lar há décadas. Nunca me canso de seu ritmo lento, de seu charme descontraído e de suas inúmeras paisagens.

Em *O desejo*, você vai conhecer Maggie Dawes, uma fotógrafa de viagens que mora em Nova York e fez carreira capturando imagens em todos os cantos do globo. Sua extraordinária trajetória profissional teve origem no verão em que ela tinha apenas dezesseis anos e se viu exilada em uma ilha minúscula no litoral da Carolina do Norte, em plena baixa temporada. Ocracoke é um destino de verão lindo e banhado pela brisa do mar, porém bastante isolado no inverno. Mesmo assim é nesse lugar, em meio ao resiliente povo local, que ela conhece não só seu primeiro amor, que a marcou para sempre, mas também uma família e uma paixão que se tornará sua profissão.

Eu tenho uma conexão com todos os livros que escrevi, por diferentes motivos, mas realmente acho que talvez este seja o melhor de todos. Você vai chorar, mas tomara que também ria e chegue ao final satisfeito com a história de uma mulher tentando aceitar o modo como as coisas aconte-

ceram em sua vida, em vez de ficar presa ao que poderia ter sido. Esse é um desafio que todos nós, como seres humanos, enfrentamos: encontrar e expressar o amor, no tempo e na forma que nossa vida, muitas vezes imprevisível, permite.

Nicholas Sparks

Batem os sinos



Manhattan
Dezembro de 2019

Quando dezembro chegava, Manhattan se transformava numa cidade que Maggie nem sempre reconhecia. Os turistas lotavam os musicais da Broadway e inundavam as calçadas diante das lojas de departamento em Midtown, num fluxo lentíssimo de pedestres. Butiques e restaurantes transbordavam com clientes agarrados a sacolas de compras. Músicas natalinas soavam de alto-falantes disfarçados. Os saguões de hotéis ganhavam decorações cintilantes. A árvore de Natal do Rockefeller Center era iluminada por luzes multicoloridas e pelos flashes de milhares de celulares. O trânsito na cidade, que não chegava a ser veloz nem nos dias mais tranquilos, ficava tão congestionado que muitas vezes era mais rápido caminhar do que pegar um táxi. Mas caminhar trazia seus próprios desafios. O vento gélido costumava soprar entre os edifícios, exigindo roupas térmicas, vários agasalhos e casacos com zíper fechados até o pescoço.

Maggie Dawes, que se considerava um espírito livre consumido pelo desejo de viajar, sempre adorara a *ideia* de um Natal em Nova York, apesar de parecer um tanto clichê. Na verdade, como muitos nova-iorquinos, ela se esforçava para evitar Midtown no fim do ano. Preferia permanecer perto de casa, em Chelsea, ou fugir para climas mais amenos, o que fazia com mais frequência. Como fotógrafa especializada em viagens, Maggie não se considerava exatamente uma nova-iorquina. Via-se como uma nômade que, por acaso, tinha um endereço fixo na cidade. Num caderno guardado numa gaveta da mesa de cabeceira, ela havia feito uma lista de mais de uma centena de lugares que ainda queria visitar, alguns tão obscuros ou remotos que só chegar até eles já seria um desafio.

Desde que tinha abandonado a faculdade, vinte anos antes, ela vinha

acrescentando lugares à lista que estimulavam sua imaginação, embora suas viagens permitissem que ela eliminasse outros tantos destinos. Com uma câmera a tiracolo, visitara todos os continentes, mais de 82 países e 43 dos cinquenta estados americanos. Tirara milhares de fotografias, desde cenas da vida selvagem no delta do Okavango, em Botsuana, à aurora boreal na Lapônia. Havia fotos tiradas durante caminhadas pela Trilha Inca, algumas da Costa dos Esqueletos na Namíbia, e muitas outras entre as ruínas no Timbuktu. Doze anos antes, Maggie aprendera a fazer mergulho autônomo e passara dez dias documentando a vida marinha em Raja Ampat. Quatro anos antes, ela havia caminhado até o famoso Paro Taksang ou Ninho do Tigre, um mosteiro budista erguido num penhasco do Butão com vista panorâmica do Himalaia.

Essas aventuras costumavam causar espanto, mas ela aprendera que *aventura* era uma palavra com muitas conotações e nem todas eram boas. Um bom exemplo era sua aventura atual – o modo como Maggie descrevia a situação para seus seguidores no Instagram e para os inscritos no seu canal no YouTube. Na maior parte do tempo, essa aventura específica a mantinha confinada à galeria de arte ou ao pequeno apartamento de dois quartos na West Nineteenth Street, em vez de explorar lugares mais exóticos. A mesma aventura que a levava a pensar, ocasionalmente, em suicídio.

Ah, não, ela nunca faria uma coisa dessas. O pensamento a aterrorizava, como admitira num dos muitos vídeos do YouTube. Por quase dez anos, as postagens não fugiram do habitual para fotógrafos. Descreviam o processo de decisão na hora de fotografar, ofereciam numerosos tutoriais de Photoshop, avaliavam novos modelos de câmera e seus inúmeros acessórios, com frequência de duas ou três vezes por mês. Aqueles vídeos do YouTube, as postagens no Instagram, no Facebook e no blog de seu site eram populares entre os aficionados de fotografia e também contribuíam para sua reputação profissional.

Três anos e meio antes, porém, por puro capricho, ela havia feito um vídeo sobre seu diagnóstico recente, algo sem qualquer relação com a fotografia. Era uma descrição desconexa e sem filtro do medo e da incerteza que ela sentiu quando soube que tinha melanoma estágio IV. Isso provavelmente nem deveria ter sido postado. Mas o que ela imaginou que seria uma voz solitária reverberando nos confins da internet de alguma forma havia chamado a atenção de outras pessoas. Maggie não tinha certeza de

por que ou como, mas aquele vídeo – entre todos do canal – atraiu primeiro acessos esporádicos, depois um fluxo constante e, por fim, um dilúvio de opiniões, comentários, perguntas e curtidas de pessoas que nunca tinham ouvido falar dela nem de seu trabalho. Sentindo-se quase obrigada a responder àqueles que se comoveram com suas dificuldades, ela postou no YouTube outro vídeo relacionado a seu diagnóstico que se tornou ainda mais popular. Desde então, mais ou menos uma vez por mês, ela colocava no ar vídeos na mesma linha, principalmente porque sentia que não tinha escolha a não ser prosseguir. Nos últimos três anos, havia abordado diversos tratamentos e a forma como reagia a eles, chegando a exibir as cicatrizes de cirurgias. Falava sobre as queimaduras de radiação, náusea, perda de cabelo, e questionava abertamente o propósito da vida. Divagava sobre o medo de morrer e especulava sobre a possibilidade de vida após a morte. Talvez para repelir a própria depressão, ela procurava manter o tom o mais leve possível ao discutir assuntos tão tristes. Supunha que, em parte, era por isso que os vídeos ganharam tanta popularidade, mas quem podia garantir? A única certeza era que de alguma forma, de um modo quase relutante, ela se tornara a estrela de seu próprio reality show na internet, um seriado que começara com esperança, mas que, lentamente, foi focando em um único e inevitável final.

E conforme o grand finale se aproximava, o número de visualizações disparava, o que talvez não surpreendesse ninguém.



No primeiro *Vídeo do câncer* – era assim que se referia a eles em sua cabeça, em oposição aos *Vídeos reais* –, Maggie fitava a câmera com um sorriso irônico e dizia: “Logo de cara, eu odiei. Depois, foi tomando conta de mim.”

Sabia que provavelmente seria de mau gosto fazer piadas sobre a doença, mas tudo aquilo lhe parecia um grande absurdo. *Por que ela?* Na época, tinha 36 anos, exercitava-se com regularidade e seguia uma dieta razoavelmente saudável. Não havia histórico de câncer na sua família. Crescera na nublada Seattle e morava em Manhattan, o que eliminava um passado de excessiva exposição ao sol. Nunca pusera os pés numa clínica de bronzeamento artificial. Nada daquilo fazia sentido, mas câncer era assim mesmo, não era? Não havia lógica. Simplesmente acontecia com os azarados, e depois de

algum tempo Maggie finalmente aceitara que a pergunta mais adequada seria *Por que NÃO ela?*. Não tinha nada de especial. Até aquele momento da vida, houvera ocasiões em que ela se considerou interessante, inteligente ou até mesmo bonita, mas a palavra *especial* nunca passara por sua cabeça.

Quando recebeu o diagnóstico, Maggie poderia ter jurado que tinha uma saúde perfeita. Um mês antes, visitara a ilha Vaadhoo, nas Maldivas, para uma sessão de fotos para a Condé Nast. Viajara para lá na esperança de capturar a bioluminescência perto da costa, que fazia com que as ondas do mar reluzissem como estrelas, como se estivessem iluminadas por dentro. O plâncton era o responsável pela luz espectral e espetacular, e ela havia reservado um tempo para fazer algumas imagens para uso pessoal, talvez para serem vendidas na galeria.

No meio da tarde, vistoriava uma praia quase vazia próxima ao hotel com a câmera na mão, tentando visualizar a imagem que desejava capturar depois que a noite caísse. Queria fotografar um toque da linha costeira – talvez com um rochedo em primeiro plano –, o céu e, claro, as ondas no exato momento em que assomavam. Passou mais de uma hora tirando fotos de ângulos variados e de diversos pontos na praia quando um casal passou por ela, de mãos dadas. Imersa no trabalho, mal notou a presença deles.

Alguns momentos depois, enquanto examinava no visor a linha onde as ondas estavam quebrando no mar, Maggie ouviu a voz da mulher atrás dela. Falava inglês com um sotaque tipicamente alemão.

– Com licença – disse a mulher. – Estou vendo que você está ocupada e lamento incomodá-la.

Maggie baixou a câmera.

– Pois não?

– É um pouco difícil dizer isso, mas você já fez algum exame nesse sinal escuro na parte de trás de seu ombro?

Ela franziu a testa, tentando ver, entre as alças de sua roupa de banho, o tal sinal mencionado pela mulher.

– Eu nem sabia que tinha um sinal escuro aí... – Maggie fez uma careta, confusa. – E qual o seu interesse nisso?

A mulher, na casa dos cinquenta anos, com cabelos curtos e grisalhos, fez um gesto com a cabeça.

– Desculpe, eu deveria ter me apresentado primeiro. Sou a Dra. Sabine Kessel. Sou dermatologista em Munique. Esse sinal parece anormal.

– Anormal como se fosse algo tipo câncer? – perguntou Maggie, com uma expressão incrédula.

– Não sei – respondeu a mulher, com cautela. – Mas, se eu fosse você, faria um exame assim que possível. Claro que pode não ser nada.

Ou pode ser sério. Isso a Dra. Kessel não precisou acrescentar.

Embora tivesse levado cinco noites para Maggie obter o que queria com as fotos, ela ficou satisfeita com as imagens. Trabalharia incansavelmente nelas na pós-produção digital – a verdadeira arte na fotografia, hoje em dia, quase sempre emergia na pós-edição –, mas já sabia que os resultados seriam espetaculares. Enquanto isso, apesar de tentar não se preocupar com o assunto, Maggie marcou uma consulta com o Dr. Snehal Khatri, um dermatologista no Upper East Side, quatro dias depois de voltar para a cidade.

A biópsia da mancha foi feita no início de julho de 2016. Em seguida, mandaram que ela fizesse exames complementares. Fez ressonância magnética e PET no Hospital Memorial Sloan Kettering no mesmo mês. Quando os resultados chegaram, o Dr. Khatri se sentou com Maggie no consultório, onde a informou, em voz baixa, muito sério, que ela havia sido diagnosticada com melanoma estágio IV. Mais tarde, naquele mesmo dia, ela foi apresentada a uma oncologista chamada Leslie Brodigan, que supervisionaria seu tratamento. Depois dessas consultas, Maggie fez sua própria pesquisa na internet. Embora a Dra. Brodigan houvesse informado que as estatísticas gerais tinham pouca relevância para tentar prever a trajetória da doença em um indivíduo específico, Maggie não conseguiu não se assustar com os números. A taxa de sobrevivência depois de cinco anos para quem era diagnosticado com melanoma estágio IV era inferior a 15%, como ela descobriu.

Descrente e atordoada, Maggie fez o primeiro *Vídeo do câncer* no dia seguinte.



A Dra. Brodigan era uma loura vibrante, de olhos azuis, que parecia a personificação da *boa saúde*. Na segunda consulta, ela explicou mais uma vez tudo sobre o diagnóstico, pois o processo havia sido tão avassalador que Maggie só conseguia se lembrar vagamente do primeiro encontro. Melanoma

estágio IV basicamente queria dizer que havia metástases não apenas em linfonodos distantes, mas também em outros órgãos. No caso de Maggie, o fígado e o estômago. Os exames PET e de ressonância tinham detectado a presença de células cancerosas invadindo as partes mais saudáveis de seu corpo como um exército de formigas devorando a comida disposta sobre a mesa de piquenique.

Em resumo: os três anos e meio que se seguiram foram turvos, alternando tratamento e recuperação, com ocasionais clarões de esperança iluminando os túneis sombrios da ansiedade. Ela foi submetida a uma cirurgia para retirar os linfonodos afetados e as metástases no fígado e no estômago. Após o procedimento, passou pela radioterapia, que foi torturante, deixando queimaduras pretas e cicatrizes feias que se juntaram às que ela ganhara na mesa de operações. Maggie também descobriu que existiam diferentes tipos de melanoma, até mesmo para quem estava no estágio IV, e esses diversos tipos levavam a diversas opções de tratamento. Em seu caso, a opção foi a imunoterapia, que funcionou só nos dois primeiros anos. Depois disso, em abril daquele ano, ela começou a quimioterapia e seguiu assim durante meses, detestando como o tratamento a fazia se sentir mas convencida de que tinha de ser eficiente. Como não funcionaria, ela se perguntava, se parecia estar liquidando cada parte dela? Naqueles dias, Maggie mal se reconhecia no espelho. A comida quase sempre tinha um gosto amargo demais ou salgado demais, o que dificultava a alimentação. Havia perdido mais de dez quilos de seu corpinho já miúdo. Os olhos castanhos e ovais agora pareciam fundos e enormes sobre os malaras salientes. O rosto era só pele e osso. Ela sentia frio o tempo inteiro e usava suéteres grossos até dentro de seu apartamento superaquecido. Perdera todo o cabelo castanho-escuro e via que, lentamente, os fios voltavam em alguns pontos, mais claros e finos, como os de um bebê. Passara a usar um lenço ou chapéu quase todo o tempo. O pescoço se tornara tão esguio, com uma aparência tão frágil, que ela o mantinha enrolado com um cachecol para não o vislumbrar no espelho.

Fazia pouco mais de um mês, no início de novembro, que ela tinha passado por mais uma rodada de exames de imagem e PET. Em dezembro, voltara a se encontrar com a Dra. Brodigan. A médica parecia mais contida que o normal, embora seus olhos transbordassem de compaixão. Foi então que disse para Maggie que, embora mais de três anos de tratamento tivessem diminuído o ritmo da doença em algumas ocasiões, a progressão nunca se

interrompera. Quando Maggie perguntou sobre as opções de tratamento disponíveis, a médica, com toda a delicadeza, voltou sua atenção para a qualidade de vida que Maggie teria pela frente.

Era seu modo de dizer a Maggie que ela ia morrer.



Maggie abrira a galeria mais de nove anos antes junto com outro artista chamado Trinity, que usava a maior parte do espaço para suas esculturas gigantes e ecléticas. O verdadeiro nome de Trinity era Fred Marshburn, e os dois tinham se conhecido na abertura da exposição de outro artista, o tipo de evento que Maggie raramente frequentava. Trinity já havia alcançado um enorme sucesso naquele momento e fazia tempo que acalentava a ideia de abrir a própria galeria. Não tinha, porém, o menor desejo de administrar o local nem vontade de ficar por lá. Como os dois se deram bem e as fotografias dela não competiam de modo algum com a obra dele, eles acabaram fazendo um acordo. Para administrar os negócios da galeria, ela receberia um salário modesto e poderia exibir uma seleção de sua obra. Na época, era mais uma questão de prestígio – Maggie podia dizer que tinha sua própria galeria! – do que pelo dinheiro que recebia de Trinity. Nos primeiros dois anos, ela vendeu apenas algumas impressões de sua autoria.

Como Maggie ainda viajava muito na época – mais de cem dias por ano, em média –, a administração diária da galeria coube a Luanne Sommers. Quando Maggie a contratou, Luanne era uma mulher divorciada rica com filhos adultos. Sua experiência se limitava à paixão por colecionar – na época ainda de forma amadora – e a um olhar de especialista para encontrar pechinchas na Neiman Marcus. O lado positivo era que se vestia bem. Também se mostrara responsável, meticulosa e disposta a aprender. Além disso, não se incomodava por ganhar pouco mais do que um salário mínimo. Como dizia, a pensão que recebia era suficiente para se aposentar e levar uma vida de luxo, mas uma mulher só conseguia participar de um determinado número de eventos antes de ficar maluca.

Luanne acabou demonstrando um talento natural para as vendas. No começo, Maggie lhe dera instruções sobre as questões técnicas de todas as suas fotos e lhe explicara a história por trás de cada uma, o que costumava

ser tão interessante para os compradores quanto a própria imagem. As esculturas de Trinity, criadas com materiais variados – tela, metal, plástico, cola e tinta, além de itens recolhidos em depósitos de lixo, chifres de veado, vidros de pickles e latas –, eram suficientemente originais para suscitar discussões animadas. Ele tinha se estabelecido como um queridinho da crítica e suas obras circulavam com regularidade, apesar dos preços impressionantes. Mas a galeria não divulgava nem apresentava muitos artistas convidados, por isso o trabalho era bastante tranquilo. Havia dias em que apenas um punhado de pessoas entrava lá e era possível fechar o estabelecimento nas últimas três semanas do ano. Para Maggie, Trinity e Luanne, esse foi um arranjo que funcionou por muito tempo.

No entanto, duas coisas contribuíram para tudo mudar. Em primeiro lugar, os *Vídeos do câncer* de Maggie atraíram um novo público para a galeria. Esses visitantes não eram os habituais conhecedores da arte contemporânea e da fotografia, e sim turistas vindos de lugares como Tennessee e Ohio, gente que havia começado a seguir Maggie no Instagram e no YouTube por sentir uma conexão com ela. Alguns tinham se tornado verdadeiros fãs de sua fotografia, mas muitos queriam simplesmente encontrá-la ou comprar como lembrança uma das cópias assinadas de seu trabalho. O telefone começou a tocar sem parar com pedidos de lugares aleatórios por todo o país, e muitas encomendas passaram a ser feitas pelo site da galeria. Maggie e Luanne se esforçavam para manter tudo sob controle e, no ano anterior, as duas decidiram não fechar a galeria para o recesso de fim de ano, porque multidões não paravam de chegar. E aí Maggie descobriu que teria que começar a quimioterapia em breve e que muito provavelmente não teria condições de ajudar no trabalho durante meses. Estava claro que precisavam contratar mais um funcionário, e quando Maggie tocou no assunto com Trinity, ele concordou na mesma hora. Por um acaso do destino, um rapaz chamado Mark Price entrou na galeria no dia seguinte e pediu para falar com ela, acontecimento que na época pareceu ser bom demais para ser verdade.



Mark Price acabara de concluir a faculdade, mas poderia se passar por um aluno do ensino médio. A princípio, Maggie presumiu que ele era outro “tiete

do câncer”, mas estava apenas parcialmente correta. O jovem admitiu ter se familiarizado com o trabalho dela graças à sua popularidade na internet – gostava especialmente de seus vídeos, ele não escondeu –, mas também tinha levado um currículo. Explicou que estava procurando emprego e que se sentia bastante atraído pela ideia de trabalhar no mundo da arte. A arte e a fotografia permitiam a comunicação de novas ideias, muitas vezes de maneiras que as palavras não davam conta, acrescentou.

Apesar das dúvidas sobre a contratação de um fã, Maggie se sentou para conversar com Mark no mesmo dia e ficou claro que ele havia feito o dever de casa. Sabia muito sobre Trinity e seu trabalho. Mencionou uma instalação específica que se encontrava em exibição no MoMA e uma outra, na New School, fazendo comparações com alguns dos trabalhos posteriores de Robert Rauschenberg de maneira bem informada mas despretensiosa. Embora não a surpreendesse, ele também demonstrou familiaridade impressionante com sua obra fotográfica. No entanto, apesar de o rapaz ter respondido a todas as perguntas de forma satisfatória, Maggie continuou com a pulga atrás da orelha. Não conseguia concluir se ele estava falando sério sobre seu desejo de trabalhar numa galeria ou se era apenas mais um que queria testemunhar a tragédia dela de perto.

Quando a conversa chegou perto do fim, Maggie avisou a ele que no momento a galeria não estava fazendo entrevistas de emprego (embora fosse tecnicamente verdade, era apenas uma questão de tempo). Com educação, o jovem perguntou se mesmo assim ela estaria disposta a receber seu currículo. Mais tarde, Maggie concluiu que se encantara com a maneira como ele havia formulado o pedido. “A senhora estaria, todavia, disposta a receber meu currículo?” Pareceu-lhe antiquado e cortês, e ela não conseguiu conter um sorriso ao estender a mão para pegar o documento.

Depois, naquela mesma semana, Maggie anunciou a vaga de emprego em alguns sites relacionados ao setor da arte e ligou para vários contatos em outras galerias, informando que estava contratando. Currículos e perguntas inundaram a caixa de entrada do estabelecimento, e Luanne se reuniu com seis candidatos enquanto Maggie se recuperava em casa da primeira infusão, tomada por enjoos ou vomitando. Apenas uma candidata conseguiu passar da primeira entrevista, mas quando não apareceu para a segunda, também foi eliminada. Frustrada, Luanne visitou Maggie em casa, para atualizá-la sobre a situação. Maggie não saía do apartamento havia dias e estava deitada

no sofá, tomando a vitamina de frutas e sorvete que Luanne trouxera e que era uma das poucas coisas que ainda conseguia engolir.

– É difícil acreditar que não encontramos ninguém qualificado para trabalhar na galeria – comentou Maggie balançando a cabeça.

– Não têm experiência e não sabem nada sobre arte – bufou Luanne.

Nem você sabia, Maggie poderia ter ressaltado, mas permaneceu em silêncio, plenamente ciente de que Luanne havia demonstrado ser um tesouro como amiga e funcionária, um golpe duplo de sorte. Calorosa e imperturbável, Luanne se tornara mais que uma simples colega.

– Confio no seu julgamento, Luanne. Vamos simplesmente recomeçar a busca.

– Tem certeza que não havia mais ninguém que valesse a pena conhecer?

– O tom de Luanne era queixoso.

Por alguma razão, Mark Price voltou à mente de Maggie, perguntando daquele jeito tão educado se ela estaria disposta a receber seu currículo.

– Você está sorrindo – disse Luanne.

– Não, não estou.

– Eu reconheço um sorriso quando vejo um. O que estava pensando?

Maggie tomou outro gole da vitamina, para ganhar tempo, e enfim decidiu falar.

– Um rapaz apareceu antes de colocarmos o anúncio – admitiu, e então começou a contar a história. – Ainda não sei bem o que acho dele, mas o currículo deve estar em algum lugar na minha mesa, no escritório. – Ela deu de ombros. – Não sei nem se ele está mesmo disponível, a essa altura.

Quando Luanne quis saber por que Mark tinha se interessado pelo trabalho, Maggie franziu a testa. Luanne entendia a composição do público da galeria melhor do que ninguém e reconhecia que as pessoas que viam os vídeos de Maggie muitas vezes a consideravam uma confidente, alguém que teria empatia. Com frequência, desejavam compartilhar suas histórias, o sofrimento que haviam suportado e suas perdas. E por mais que Maggie quisesse oferecer consolo, muitas vezes não tinha condição de dar nenhum apoio emocional, uma vez que mal conseguia dar conta de si mesma. Luanne fazia o possível para protegê-la dos visitantes mais agressivos.

– Deixe-me examinar o currículo e aí eu falo com ele – ofereceu ela. – Depois a gente dá um passo de cada vez.

Luanne entrou em contato com Mark na semana seguinte. A primeira conversa levou a mais duas entrevistas formais, incluindo uma com Trinity. Depois, quando foi falar com Maggie, Luanne se mostrou efusiva em seus elogios a Mark. Mesmo assim, Maggie insistiu em se reunir mais uma vez com ele, só para ter certeza. Passaram-se mais quatro dias até que ela tivesse a energia necessária para ir à galeria. Mark chegou ao escritório na hora marcada, de terno, portando uma pasta fina. Maggie se sentia péssima enquanto estudava o currículo, notando que ele era de Elkhart, Indiana. Quando viu a data da formatura dele na Northwestern, ela fez as contas depressa.

– Você tem vinte e dois anos?

– Tenho.

Com o cabelo bem repartido, olhos azuis e cara de bebê, ele parecia mais um adolescente bem-arrumado, pronto para o baile da escola.

– E se formou em teologia?

– Isso mesmo.

– Por que teologia?

– Meu pai é pastor. No futuro, quero fazer um mestrado sobre a divindade, para seguir os passos dele.

Ao ouvir isso, ela percebeu que não tinha ficado nem um pouco surpresa.

– Por que então o interesse pela arte, se você pretende se dedicar ao ministério?

Ele juntou as pontas dos dedos, como se escolhesse as palavras com cuidado.

– Sempre acreditei que arte e fé têm muito em comum. Ambas permitem que as pessoas explorem a sutileza das próprias emoções e encontrem a resposta sobre o que a arte representa para elas. Seu trabalho e o de Trinity sempre me fazem *pensar* e, mais importante, me fazem *sentir* de um modo que costuma me levar a um estado de maravilhamento. Assim como a fé.

Era uma boa resposta. Mesmo assim, ela desconfiou de que Mark pudesse estar omitindo alguma coisa. Maggie deixou esse pensamento de lado e prosseguiu com a entrevista, fazendo perguntas mais corriqueiras sobre sua experiência de trabalho e o conhecimento de fotografia e escultura contemporânea antes de, por fim, se recostar na cadeira.

– Por que você acha que seria uma boa escolha para a galeria?

Ele parecia não se abalar com o interrogatório.

– Para começar, depois de conhecer a Sra. Sommers, tenho a impressão de que nós dois trabalharíamos bem juntos. Com permissão dela, passei algum tempo na galeria após a entrevista e depois de alguma pesquisa adicional, organizei alguns dos meus pensamentos sobre as obras que se encontram em exibição no momento. – Ele se inclinou, oferecendo a pasta para Maggie.
– Deixei também uma via com a Sra. Sommers.

Maggie folheou a pasta. Detendo-se em uma página aleatória, leu alguns parágrafos que ele tinha escrito sobre uma fotografia que ela tirou no Djibuti em 2011, quando o país sofria com o flagelo de uma das piores secas em décadas. Em primeiro plano, via-se a ossada de um camelo; ao fundo, três famílias vestidas em trajes coloridos, com todos os seus integrantes risonhos e brincalhões enquanto caminhavam pelo leito de um rio seco. Nuvens de tempestade se amontoavam num céu que tinha ganhado tons alaranjados e avermelhados com o sol poente, num contraste vibrante com os ossos descoloridos e com as profundas rachaduras de ressecamento que revelavam a falta de chuvas recentes.

Os comentários de Mark demonstravam uma surpreendente sofisticação técnica e uma apreciação madura de suas intenções artísticas. Maggie tentava mostrar aquela alegria improvável em meio ao desespero para ilustrar a insignificância do homem quando confrontado com o poder caprichoso da natureza, e Mark articulava bem essas intenções.

Ela fechou a pasta, sabendo que não havia necessidade de continuar olhando.

– Está claro que você é preparado e surpreendentemente bem qualificado para sua idade, mas essas não são minhas maiores preocupações. Ainda quero saber o verdadeiro motivo para querer trabalhar aqui.

Ele franziu a testa.

– Acho que suas fotos são extraordinárias. Assim como as esculturas de Trinity.

– Esse é o único motivo?

– Não sei bem o que a senhora está querendo dizer.

– Vou ser franca – falou Maggie, suspirando. Estava cansada demais, doente demais e com tempo de menos para não ser franca. – Você trouxe seu currículo antes mesmo de divulgarmos a vaga e admitiu que é fã dos

meus vídeos. Essas coisas me preocupam, porque às vezes as pessoas que assistem aos meus vídeos sobre a doença ficam com uma falsa impressão de intimidade comigo. Não posso ter alguém assim trabalhando aqui. – Ela ergueu as sobrancelhas. – Você está imaginando que vamos ficar amigos e ter conversas profundas e significativas? Porque isso é improvável. Duvido que eu venha a passar muito tempo na galeria.

– Compreendo – disse ele, de um modo agradável, sem se abalar. – Se estivesse em seu lugar, provavelmente também me sentiria assim. A única coisa que posso fazer é garantir que minha intenção é ser um excelente funcionário.

Ela não tomou a decisão de imediato. Deixou passar uma noite e reuniu-se com Luanne e Trinity no dia seguinte. Apesar do receio de Maggie, eles queriam dar uma chance ao rapaz, e Mark começou no início de maio.

Felizmente, desde então, Mark não tinha dado a Maggie nenhum motivo para questionar a decisão. Derrubada pela quimioterapia durante todo o verão, ela passava apenas algumas horas por semana na galeria, mas nos raros momentos em que estava por lá, Mark era o retrato do profissionalismo. Ele a cumprimentava alegremente, sorria com facilidade e sempre se referia a ela como Sra. Dawes. Nunca chegava atrasado, nunca faltara alegando estar doente e raramente a incomodava, batendo de leve na porta da sua sala apenas quando um autêntico comprador ou colecionador pedia para vê-la e ele considerava que isso era suficientemente importante para justificar a intrusão. Talvez por ter levado a sério a entrevista, Mark nunca se referia às últimas postagens do canal nem fazia perguntas pessoais a Maggie. Vez ou outra ele comentava que esperava que ela estivesse se sentindo bem, o que não a incomodava, porque ele não insistia em saber mais, deixando nas mãos dela a decisão de dar alguma informação adicional, se quisesse.

Além disso, e mais importante, Mark se destacava no trabalho. Tratava os clientes com cortesia e charme, conduzia com elegância os curiosos até a saída e era um sucesso nas vendas, provavelmente por não ser agressivo. Atendia o telefone no segundo ou terceiro toque e embrulhava as fotos com cuidado antes de despachar as encomendadas pelo correio. Normalmente, para completar todas as suas tarefas, ele ficava uma hora ou mais no trabalho depois que a galeria fechava as portas. Luanne ficou tão impressionada com ele que nem se preocupou com as férias de um mês que tiraria em dezembro,

quando viajaria para Maui com a filha e os netos, algo que fazia quase todos os anos desde que passara a trabalhar na galeria.

Nada disso, Maggie percebeu, foi uma grande surpresa. O que a surpreendeu naqueles últimos meses foi a forma como, aos poucos, suas reservas em relação a Mark deram lugar a uma crescente sensação de confiança.



Maggie não conseguia identificar exatamente o momento em que isso havia acontecido. Como vizinhos que compartilham com regularidade o mesmo elevador, o relacionamento cordial se transformou numa confortável familiaridade. Em setembro, assim que começou a se sentir melhor depois da última infusão, passou a dedicar mais tempo ao trabalho. Cumprimentos simples deram lugar a bate-papos com Mark, evoluindo naturalmente para assuntos mais pessoais. Às vezes, essas conversas aconteciam na pequena copa no mesmo corredor de seu escritório. Outras vezes, na galeria, quando não havia visitantes. A maior parte delas ocorria depois que as portas estavam trancadas, enquanto os três embalavam as cópias que haviam sido encomendadas por telefone ou pelo site. Em geral, Luanne dominava a conversa, tagarelando sobre os namoros fracassados de seu ex-marido ou sobre seus filhos e netos. Maggie e Mark ficavam satisfeitos em ouvir – Luanne era divertida. De vez em quando, um deles revirava os olhos por conta de algo que Luanne dissera (“Tenho certeza que meu ex está pagando todas as cirurgias plásticas daquela pistoleira brega”) e o outro dava um ligeiro sorriso, uma comunicação particular, apenas deles.

Às vezes, porém, Luanne saía logo depois que a galeria fechava. Mark e Maggie trabalhavam juntos, sozinhos, e aos poucos Maggie passou a saber mais sobre o jovem, apesar de ele evitar fazer perguntas pessoais. Mark falou sobre os pais e a infância, que às vezes lhe soava como uma criação de Norman Rockwell, incluindo histórias na hora de dormir, jogos de hóquei e beisebol e a presença dos pais em todos os eventos escolares dos quais ele conseguia se lembrar. Também falava com frequência sobre a namorada, Abigail, que tinha acabado de começar o mestrado em economia na Universidade de Chicago. Assim como Mark, ela havia sido criada numa cidade pequena – nesse caso, Waterloo, em Iowa –, e

ele tinha inúmeras fotos dos dois no seu celular. As imagens mostravam uma ruiva do Meio-Oeste jovem e bonita, com uma aparência iluminada. Mark mencionou que planejava pedi-la em casamento quando ela concluísse o mestrado. Maggie se lembrava de ter rido quando ele falou sobre o plano. Por que se casar tão jovens?, ela havia perguntado. Por que não esperar alguns anos?

– Porque ela é a mulher com quem eu quero passar o resto da vida – respondera Mark.

– Como pode saber disso?

– Algumas vezes a gente simplesmente sabe.

Quanto mais Maggie o conhecia, mais tinha certeza de que os pais tinham dado tanta sorte com ele quanto ele com os pais. Era um rapaz exemplar, responsável e gentil, contrariando o estereótipo dos millennials preguiçosos e arrogantes. Porém, aquele carinho por ele, cada vez maior, às vezes a surpreendia, talvez porque tivessem tão pouco em comum. A juventude de Maggie tinha sido... *peculiar*, pelo menos por algum tempo, e o relacionamento com os pais era tenso. Ela nunca fora parecida com Mark. Enquanto ele sempre tinha sido ótimo aluno e se formara com louvor numa importante universidade, Maggie enfrentara dificuldades nos estudos e concluía menos de três semestres numa instituição comunitária de ensino superior. Com a idade dele, ela se satisfazia em viver o momento e resolver as coisas à medida que elas aconteciam, mas Mark parecia ter um plano para tudo. Maggie suspeitava de que, se tivesse conhecido o rapaz quando era mais jovem, não teria lhe dado a menor atenção. Quando estava na casa dos vinte anos, Maggie tinha o hábito de escolher exatamente os tipos errados de homem.

De qualquer modo, às vezes ele a lembrava de alguém que ela conhecera muito tempo antes, alguém que no passado significara tudo para ela.



Quando o Dia de Ação de Graças se aproximou, Maggie já considerava Mark um membro efetivo da família da galeria. Não era tão próxima dele quanto de Luanne ou Trinity – afinal de contas, eles já tinham passado anos juntos –, mas com toda a certeza ele havia se tornado um amigo. Dois dias depois do referido feriado, os quatro ficaram até tarde na galeria, após o

fechamento. Era sábado à noite e, como Luanne planejava voar para Maui na manhã seguinte e Trinity partiria para o Caribe, eles abriram uma garrafa de vinho para acompanhar a tábua de queijos e frutas encomendada por Luanne. Maggie aceitou uma taça, embora não conseguisse nem pensar em comer ou beber nada.

Eles brindaram à galeria – aquele tinha sido, de longe, o ano de maior sucesso de sua história – e mergulharam numa conversa agradável por mais uma hora. Perto do final, Luanne ofereceu um cartão para Maggie.

– Tem um presente aí dentro – avisou Luanne. – Abra depois que eu sair.

– Ainda não consegui comprar nada para você.

– Tudo bem – disse Luanne. – Ver você voltar a agir como antigamente nesses últimos meses já é presente mais do que suficiente para mim. De qualquer maneira, não se esqueça de abri-lo logo antes do Natal.

Depois que Maggie garantiu que o abriria, Luanne se aproximou da bandeja e pegou alguns morangos. A poucos metros de distância, Trinity conversava com Mark. Como ele passava na galeria com ainda menos frequência do que Maggie, Luanne o ouviu perguntar a Mark as mesmas coisas que ela quisera saber nos últimos meses.

– Eu não sabia que você jogava hóquei – comentou Trinity. – Sou um grande fã dos Islanders, mesmo que tenham passado uma eternidade sem ganhar a Stanley Cup.

– É um ótimo esporte. Joguei todos os anos até entrar na Northwestern.

– Eles não têm uma equipe?

– Eu não era bom o suficiente para jogar no time universitário – admitiu Mark. – Não que meus pais se importassem com isso. Acho que nenhum dos dois deixou de ir a um jogo sequer.

– Eles virão visitar você no Natal?

– Não. Meu pai organizou uma excursão pela Terra Santa com alguns membros da nossa igreja durante o final do ano. Nazaré, Belém, o roteiro completo.

– E você não quis ir com eles?

– É o sonho deles, não o meu. Além disso, tenho que ficar aqui.

Maggie percebeu que Trinity olhou de relance em sua direção antes de voltar a atenção para Mark. Ele se inclinou, sussurrando algo, e, embora Maggie não pudesse ouvi-lo, sabia exatamente o que ele dissera, porque, minutos antes, ele havia expressado sua preocupação para ela.

– Fique de olho em Maggie enquanto Luanne e eu estivermos fora. Estamos um pouco preocupados com ela.

Mark apenas assentiu com a cabeça.



Trinity foi mais previdente do que imaginara, mas ele e Luanne sabiam que Maggie tinha uma nova consulta com a Dra. Brodigan marcada para 10 de dezembro. E, de fato, nessa consulta, a médica insistiu que Maggie passasse a se concentrar mais na sua qualidade de vida.

Agora era dia 18 de dezembro. Mais de uma semana havia se passado desde aquele dia terrível, e Maggie ainda se sentia quase entorpecida. Não havia contado a ninguém sobre seu prognóstico. Seus pais sempre acreditaram que, se orassem bastante, Deus encontraria alguma forma de curá-la. Dizer a verdade a eles exigiria mais energia do que ela era capaz de reunir. O mesmo se aplicava à sua irmã, por motivos diferentes. Maggie não tinha energia para tanta coisa. Mark havia mandado algumas mensagens para saber como ela estava, mas dizer algo sobre sua situação por mensagem parecia absurdo, e ela ainda não se sentia pronta para encarar ninguém. Quanto a Luanne ou mesmo Trinity, supôs que poderia fazer uma ligação, mas de que adiantaria? Luanne merecia aproveitar a temporada com a família sem se preocupar com Maggie, e Trinity também tinha a própria vida. Além disso, nenhum dos dois poderia realmente mudar aquela situação.

Em vez disso, atordoada com sua nova realidade, ela havia passado grande parte dos últimos oito dias em seu apartamento ou em caminhadas curtas e lentas pela vizinhança. Às vezes, só ficava olhando pela janela, acariciando distraidamente o pequeno pingente do cordão que sempre usava; outras vezes, observava as pessoas. Assim que se mudara para Nova York, Maggie tinha ficado fascinada pela atividade incessante ao seu redor, fosse ao ver as pessoas correndo para pegar o metrô ou ao contemplar as torres de escritórios à meia-noite, sabendo que ainda havia gente a postos em suas mesas de trabalho. Olhar pela janela e seguir os movimentos frenéticos dos pedestres trazia de volta lembranças dos primeiros momentos de sua vida adulta na cidade e da mulher mais jovem e saudável que ela havia sido. Parecia que uma vida inteira se passara desde então; parecia também que os anos haviam

se escoado num piscar de olhos. Sua incapacidade de compreender essa contradição a tornava mais ensimesmada do que de costume. O tempo, pensou ela, sempre seria fugidio.

Maggie não esperava um milagre – no fundo, sempre soubera que a cura estava fora de questão –, mas não teria sido ótimo descobrir que a quimioterapia havia retardado um pouco a progressão do câncer e lhe dado mais um ou dois anos? Ou então descobrir que algum tratamento experimental estava disponível? Seria pedir muito? Ter um último intervalo antes do começo do último ato?

Esse era um dos problemas na luta contra o câncer. A *espera*. Boa parte daqueles últimos anos fora consumida pela *espera*. Esperar a consulta com o médico, esperar o tratamento, esperar se sentir melhor depois do tratamento, esperar para ver se o tratamento tinha funcionado, esperar até se sentir suficientemente bem para experimentar algo novo. Até o diagnóstico, ela considerava irritante ter que esperar por qualquer coisa. Mas aos poucos, de modo indiscutível, a espera se tornara a realidade de sua vida.

Mesmo naquele momento, pensou ela de repente. Aqui estou eu, à *espera* da morte.

Na calçada, do outro lado do vidro, ela via pessoas agasalhadas em roupas de inverno, com a respiração formando nuvens de vapor enquanto se apressavam para destinos desconhecidos; na rua, uma longa fila de carros com lanternas traseiras acesas se arrastava por ruas estreitas, ladeadas por belas casas de tijolos. Eram pessoas que levavam suas vidas como se nada fora do comum estivesse acontecendo. No entanto, nada parecia comum naquele momento, e ela duvidava que as coisas um dia voltassem a parecer comuns.

Maggie os invejava, aqueles estranhos que nunca conheceria. Levavam suas vidas sem contar os dias que lhes sobravam, algo que ela nunca voltaria a fazer. E, como sempre, eram tão numerosos. Tinha se acostumado com o fato de que tudo na cidade estava sempre lotado, não importando a hora nem a estação, o que criava transtornos até nas coisas mais simples. Se ela precisava comprar ibuprofeno na farmácia, havia uma fila no caixa; se estava com vontade de ir ao cinema, havia também uma fila na bilheteria. Quando chegava a hora de atravessar a rua, era inevitável ficar cercada por gente correndo e se acotovelando no meio-fio.

Mas por que tanta pressa? Era o que se perguntava, assim como se pergun-

tava sobre tantas coisas. Como todo mundo, tinha seus arrependimentos, e, agora que o tempo estava se esgotando, ela não conseguia deixar de pensar neles. Havia decisões que tomara e que gostaria de desfazer; oportunidades que perdera e que não teria mais tempo de desfrutar. Com toda a sinceridade, Maggie falou sobre alguns de seus arrependimentos num vídeo, admitindo que não os tinha superado e que não estava mais perto de encontrar respostas do que na época de seu diagnóstico inicial.

Não tinha chorado desde a última consulta com a Dra. Brodigan. Em vez disso, quando não estava olhando pela janela nem caminhando, ela se concentrava no mundano. Dormia e dormia – em média catorze horas por noite – e comprava presentes de Natal pela internet. Gravou mais um *Vídeo do câncer* a respeito de sua consulta mais recente com a Dra. Brodigan, mas não o publicou. Pedia vitaminas em um aplicativo de entrega e tentava tomá-las até o fim sentada na sala de estar. Recentemente, tinha até ido almoçar no Union Square Café, um de seus lugares favoritos. O programa, porém, acabou sendo uma perda de tempo, pois tudo o que ela colocava na boca ainda tinha um gosto estranho. Era o câncer tirando mais uma alegria da sua vida.

Faltava uma semana para o Natal e, com o sol da tarde começando a minguar, ela sentiu necessidade de sair de casa. Vestiu várias camadas de roupa, presumindo que andaria um pouquinho sem rumo, mas assim que pôs o pé na rua, a vontade de passear passou tão rápido quanto tinha surgido. Em vez de vagar, ela tomou a direção da galeria. Embora não fosse fazer muita coisa, seria reconfortante saber que tudo estava em ordem.

A galeria ficava a vários quarteirões de distância e Maggie se deslocou devagar, tentando evitar qualquer um que pudesse esbarrar nela. O vento estava gelado e, quando empurrou as portas da galeria meia hora antes do fechamento, ela tremia de frio. Estava extraordinariamente lotada. Tinha calculado que com a proximidade das festas de fim de ano o número de visitantes diminuiria, mas com toda a certeza se enganara. Felizmente, Mark parecia ter as coisas sob controle.

Como sempre, ao entrar, as cabeças se viraram em sua direção e ela percebeu que surgiam alguns olhares de reconhecimento. *Desculpe. Hoje não, pessoal*, ela pensou de repente, oferecendo um aceno rápido antes de correr para seu escritório e fechar a porta. Lá dentro, havia uma mesa e uma

cadeira, e uma das paredes exibia estantes embutidas com uma pilha alta de livros de fotografia e de lembranças de suas viagens a lugares distantes. Em frente à mesa havia um pequeno sofá no qual ela cabia deitada, caso precisasse, e no canto, uma cadeira de balanço cuidadosamente entalhada e com almofadas floridas que Luanne trouxera de sua casa de campo, dando um toque de aconchego ao escritório moderno.

Depois de empilhar as luvas, o chapéu e o casaco em cima da mesa, Maggie ajustou o lenço e desabou na cadeira. Ao ligar o computador, verificou automaticamente os números das vendas semanais, observando o pico, mas percebeu que não estava com vontade de examinar as cifras em detalhes. Em vez disso, abriu outra pasta e começou a clicar em suas fotos favoritas, parando finalmente numa série de imagens que havia tirado em Ulan Bator, na Mongólia, em janeiro daquele ano. Na época, não fazia ideia de que aquela seria a última viagem internacional que faria. A temperatura ficou bem abaixo de zero durante todo o tempo em que esteve por lá, com ventos cortantes capazes de congelar a pele exposta em menos de um minuto. Tinha sido um esforço manter a câmera em funcionamento, porque os componentes tendem a entrar em pane em temperaturas tão baixas. Ela se lembrava de ter enfiado a câmera dentro do casaco várias vezes, na tentativa de aquecê-la no calor de seu corpo, mas as fotos eram tão importantes para ela que enfrentou aquelas condições inóspitas por quase duas horas.

Tinha desejado descobrir formas de documentar os níveis venenosos da poluição do ar e os efeitos visíveis sobre a população. Numa cidade com um milhão e meio de habitantes, quase todas as casas e os negócios queimavam carvão durante o inverno, obscurecendo o céu mesmo nos dias mais claros. Além de ser uma crise ambiental, era também uma crise sanitária, e Maggie queria que suas imagens estimulasse a ação. Fez inúmeros registros de crianças cobertas de fuligem por terem simplesmente saído de casa para brincar. Captou uma incrível imagem em preto e branco de um pano imundo, usado como cortina numa janela aberta, numa representação do que acontecia com pulmões saudáveis. Também procurou um panorama sombrio da cidade e finalmente chegou ao que queria: um céu de um azul vibrante que dava lugar, de repente, *bruscamente*, a uma névoa amarelada, num tom quase doentio, como se o próprio Deus tivesse desenhado uma linha reta perfeita para dividir o céu. O efeito

foi arrebatador, sobretudo depois das horas despendidas refinando seu trabalho na pós-produção.

Enquanto olhava para a imagem no conforto de seu escritório, Maggie soube que nunca mais seria capaz de fazer algo parecido. Era provável que nunca mais viajasse a trabalho. Talvez nem mesmo tornasse a deixar Manhattan, a não ser que cedesse à vontade dos pais e voltasse para Seattle. E a Mongólia não havia passado por nenhuma mudança. Além da sua contribuição para o ensaio fotográfico publicado na *New Yorker*, vários periódicos como a *Scientific American* e o *The Atlantic* também tentaram despertar atenção para os perigosos níveis de poluição em Ulan Bator, mas o ar só tinha piorado nos últimos onze meses. Era mais um fracasso da sua vida, pensou ela, assim como a batalha contra o câncer.

Os pensamentos não deveriam estar conectados, mas estavam naquele momento, e de repente ela sentiu que lágrimas começavam a se formar. Estava morrendo, realmente *morrendo*, e lhe ocorreu, de repente, que estava prestes a ter seu último Natal.

O que deveria fazer com aquelas derradeiras semanas, tão preciosas? E o que significava *qualidade de vida* quando se tratava da realidade do cotidiano? Ela já estava dormindo mais do que nunca. Qualidade significava dormir mais para se sentir melhor ou dormir menos para que os dias parecessem mais longos? E as atividades de rotina? Deveria se dar ao trabalho de marcar uma consulta no dentista, para limpeza dos dentes? Deveria pagar o valor mínimo das faturas dos cartões de crédito ou sair usando o limite todo? Por que isso importaria? O que realmente importava?

Uma centena de pensamentos e perguntas aleatórias a invadiram. Perdida diante de tudo isso, Maggie sentiu um nó na garganta antes de se entregar por completo ao pranto. Não soube quanto tempo durou. Quando as lágrimas se esgotaram, ela se levantou e enxugou os olhos. Olhando pela janela acima de sua mesa, percebeu que a área da galeria estava vazia e que a porta da frente tinha sido trancada. Estranhamente, não viu Mark, embora as luzes permanecessem acesas. Ela se perguntou onde ele estava até que ouviu uma batida na porta. Até o modo como ele batia na porta era suave.

Pensou em dar uma desculpa até que as evidências de seu colapso tivessem diminuído, mas por quê? Fazia tempo que havia deixado de se preocupar com a aparência. Sabia que atualmente estava terrível mesmo nos melhores momentos.

– Pode entrar – disse.

Tirou um lenço de papel da caixa em sua mesa e assoou o nariz quando Mark entrou.

– Ei – saudou ele, em voz baixa.

– Oi.

– Péssima hora?

– Está tudo bem.

– Achei que você gostaria disso – disse ele, estendendo uma embalagem de bebida para viagem. – É uma vitamina de banana e morango com sorvete de baunilha. Talvez ajude.

Maggie reconheceu o rótulo do copo – o estabelecimento ficava a duas portas da galeria – e se perguntou como ele sabia que ela não estava bem. Talvez tivesse tirado conclusões ao ver que Maggie fora direto para o escritório, ou talvez tivesse simplesmente se lembrado do que Trinity lhe pedira.

– Obrigada – respondeu ela, aceitando.

– Você está bem?

– Já estive melhor. – Ela tomou um gole, grata por ser algo suficientemente doce para enganar suas papilas gustativas arrasadas. – Como foi hoje?

– Movimentado, mas menos do que na sexta-feira passada. Vendemos oito cópias, incluindo um exemplar número três de *Rush*.

Cada uma das fotografias de Maggie tinha uma tiragem limitada a 25 cópias numeradas. Quanto menor o número, maior o preço. A foto mencionada por Mark tinha sido tirada no metrô de Tóquio, na hora do rush, com a plataforma lotada por milhares de homens vestidos aparentemente com ternos pretos idênticos.

– Alguma coisa do Trinity?

– Hoje não, mas acho que há uma boa possibilidade de vendas num futuro próximo. Jackie Bernstein veio mais cedo com seu consultor.

Maggie assentiu. Jackie havia comprado duas obras do artista no passado e Trinity ficaria feliz de saber que ela estava interessada em adquirir mais uma.

– E quanto ao site e às encomendas por telefone?

– Seis confirmaram. Duas pessoas quiseram mais informações. Não deve levar muito tempo para aprontar os pedidos para envio. Se quiser ir para casa, posso cuidar disso.

Assim que ele disse essas palavras, outras perguntas vieram à mente de Maggie. *Quero realmente voltar para casa? Para um apartamento vazio? Para chafurdar na solidão?*

– Não, eu vou ficar – recusou ela, balançando a cabeça. – Por um tempinho, pelo menos.

Percebeu que Mark estava curioso, mas sabia que ele não faria outras perguntas. Mais uma vez, ela compreendeu que as entrevistas o haviam marcado.

– Tenho certeza que você anda vendo minhas postagens e meus vídeos – começou ela –, e por isso é provável que tenha uma noção geral do andamento da minha doença.

– Na verdade, não tenho visto. Parei de assistir a seus vídeos desde que comecei a trabalhar aqui.

Ela não esperava por isso. Até Luanne assistia a seus vídeos.

– Por quê?

– Presumi que a senhora preferiria que eu não fizesse isso. E quando considerei suas preocupações iniciais sobre minha contratação, pareceu ser a coisa certa a fazer.

– Mas você soube que fiz quimioterapia, certo?

– Luanne mencionou, mas não sei os detalhes. E, claro, nas raras vezes em que estive na galeria, a senhora parecia...

Quando ele interrompeu a frase, ela terminou por ele:

– Com cara de morta?

– Eu diria que parecia um pouco cansada.

Claro que sim. Se acordar cedo demais explicasse o fato de estar esquelética, enjoada, caquética e careca. Mas Maggie sabia que ele estava tentando ser gentil.

– Você tem alguns minutos? Antes de começar a preparar as remessas?

– Claro. Não tenho nada planejado para hoje à noite.

Num impulso, ela passou para a cadeira de balanço, gesticulando para que ele se acomodasse no pequeno sofá.

– Nada de sair com os amigos?

– É meio caro – respondeu ele. – E sair, em geral, significa beber, mas eu não bebo.

– Nada?

– Nada.

– Uau! – exclamou ela. – Acho que nunca conheci um jovem de 22 anos que não bebe.

– Na verdade, eu agora tenho 23.

– Fez aniversário?

– Não foi nada de mais.

Provavelmente não, pensou ela.

– E Luanne sabia? Não me disse nada.

– Não comentei com ela.

Ela se inclinou para a frente e ergueu o copo.

– Então feliz aniversário atrasado.

– Obrigado.

– Fez algo divertido no seu aniversário?

– Abigail veio passar o fim de semana e vimos *Hamilton*. Já assistiu?

– Há algum tempo.

Mas nunca mais vou ver de novo, ela não se deu ao trabalho de acrescentar.

O que era mais uma razão para não ficar sozinha. Para que pensamentos como esse não levassem a outra crise de choro. Com Mark por perto, de alguma forma era mais fácil se controlar.

– Eu nunca tinha visto um espetáculo da Broadway – prosseguiu Mark.

– A música era incrível e eu adorei o caráter histórico e a dança e... gostei de tudo. Abigail ficou animadíssima. Jurou que nunca tinha visto nada parecido.

– Como ela está?

– Está bem. As férias dela acabaram de começar. Agora deve estar a caminho de Waterloo para ver a família.

– Ela não quis vir para cá ver você?

– É porque vai ser uma espécie de reencontro familiar. Ao contrário de mim, ela vem de uma família grande. Cinco irmãos e irmãs mais velhos que moram por todo o país. O Natal é a única época do ano em que conseguem se reunir.

– E você não quis ir para lá?

– Estou trabalhando. Ela entende. Além disso, ela vem para cá no dia 28. Vamos passar algum tempo juntos, ver a bola da Times Square cair no Ano-Novo, essas coisas.

– Será que vou conhecê-la?

– Se quiser.

– Se precisar de uma folga, me avise. Sei que posso cuidar de tudo sozinha por alguns dias.

Ela não tinha certeza disso, mas parecia ser necessário oferecer uma folga a Mark.

– Eu aviso.

Maggie tomou outro gole da vitamina.

– Não sei se mencionei isso recentemente, mas você está indo muito bem.

– Eu gosto daqui – disse ele.

Então Mark fez uma pausa e ela voltou a perceber que ele optou por não fazer perguntas pessoais. Isso queria dizer que precisaria oferecer-lhe informações ou guardar tudo consigo.

– Eu tive uma consulta com a oncologista na semana passada – contou Maggie, com uma voz que esperava que soasse firme. – Ela acha que outra rodada de quimioterapia vai fazer mais mal do que bem.

A expressão dele se suavizou.

– Posso perguntar o que isso significa?

– Significa que não há mais tratamento e que o relógio está correndo.

Ele empalideceu, assimilando as palavras que ela não disse.

– Ah... Sra. Dawes. Que terrível. Sinto muito. Não sei o que dizer. Há algo que eu possa fazer?

– Acho que ninguém pode fazer nada. Mas, por favor, me chame de Maggie. Acho que já trabalha aqui há tempo suficiente para que a gente possa se tratar de um modo mais informal.

– A médica tem certeza?

– Os exames não estavam bons – explicou ela. – Espalhou muito, por toda parte. Estômago. Pâncreas. Rins. Pulmões. Embora você não vá me perguntar isso, tenho menos de seis meses. Três ou quatro. Talvez menos.

Para surpresa de Maggie, os olhos dele começaram a se encher de lágrimas.

– Ah, a senho... – disse ele, com a expressão se suavizando de repente.

– Você se incomodaria se eu orasse por você? Quer dizer, agora não, mas quando eu chegar em casa.

Maggie não conseguiu conter um sorriso. É claro que ele gostaria de orar por ela, como o futuro pastor que seria. Ela suspeitou que ele nunca havia proferido um único palavrão na vida. Era um garoto muito doce, pensou. Bem, tecnicamente ele era jovem, mas...

– Eu gostaria.

Por alguns segundos, nenhum dos dois disse nada. Então, balançando de leve a cabeça, ele comprimiu os lábios.

– Não é justo – falou.

– Quando é que a vida é justa?

– Posso perguntar como você está? Espero que me perdoe se eu estiver me intrometendo...

– Está tudo bem – respondeu ela. – Acho que estou um tanto atordoada desde que descobri.

– Deve ser insuportável.

– Às vezes é. Mas outras vezes, não. O estranho é que, do ponto de vista físico, me sinto melhor do que antes, melhor do que durante a quimioterapia. Naquela época, havia momentos em que eu tinha certeza que seria mais fácil morrer. Mas agora...

Maggie deixou o olhar vagar pelas prateleiras, observando os objetos que juntara, cada um imbuído de memórias de uma viagem. Para a Grécia e o Egito, Ruanda e Nova Escócia, Patagônia e a Ilha de Páscoa, Vietnã e Costa do Marfim. Tantos lugares, tantas aventuras.

– É estranho saber que o fim está tão próximo – admitiu ela. – Isso levanta um monte de questões. Faz a pessoa pensar qual é o sentido de tudo. Às vezes sinto que levei uma vida abençoada. Aí, no instante seguinte, fico obcecada pelas coisas que deixei de viver.

– Que tipo de coisa?

– Casamento, para começar. Sabe que nunca me casei, né? – Depois que ele assentiu, Maggie prosseguiu: – Quando eu estava crescendo, não conseguia imaginar que ainda estaria solteira na minha idade. Não fui criada desse jeito. Meus pais eram muito tradicionais e presumi que acabaria como eles. – Os pensamentos estavam à deriva, rumo ao passado, as lembranças borbulhando em busca da superfície. – Claro que não facilitei a vida deles. Nunca fui do seu jeito.

– Nem sempre fui um filho perfeito – protestou Mark. – Já me meti em confusões.

– Que tipo de confusões? Algo sério? Tipo não arrumar seu quarto ou ultrapassar um minuto da hora de voltar para casa? Espere aí. Você nunca perdeu a hora, certo?

Ele abriu a boca, mas não proferiu nenhuma palavra. Maggie estava con-

vencida de ter acertado. Devia ter sido o tipo de adolescente que dificulta a vida do restante da geração pelo simples fato de ter sido programado para ser fácil de lidar.

– A questão é que andei pensando como tudo teria sido se eu tivesse escolhido um caminho diferente – prosseguiu ela. – Não só em relação a casamento. E se eu tivesse me esforçado mais na escola? E se tivesse terminado a faculdade ou arranjado um emprego num escritório, ou me mudado para Miami ou Los Angeles, em vez de Nova York? Coisas assim.

– É óbvio que você não precisou da faculdade. Sua carreira de fotógrafa é notável e seus vídeos e mensagens sobre a doença inspiram muita gente.

– É muito gentil de sua parte, mas essas pessoas realmente não me conhecem. E, no final, não é isso que mais importa na vida? Ser realmente conhecido e amado por alguém que escolhemos?

– Talvez – admitiu ele. – Mas isso não anula aquilo que você deu aos outros por meio da sua experiência. É um gesto poderoso, capaz de mudar a vida das pessoas.

Talvez fosse a sinceridade dele ou seus maneirismos antiquados, mas ela mais uma vez ficou impressionada com quanto ele a lembrava de alguém que havia conhecido muito tempo atrás. Fazia anos que Maggie não se permitia pensar em Bryce, pelo menos não de modo consciente. Na maior parte de sua vida adulta, tentou manter as lembranças dele a uma distância segura.

Mas não havia mais razão para isso.

– Você se importaria se eu fizesse uma pergunta pessoal? – indagou ela, imitando o modo de falar de Mark, curiosamente formal.

– De forma alguma.

– Quando soube que estava apaixonado pela Abigail?

Assim que ela mencionou o nome de Abigail, uma ternura apoderou-se dele.

– No ano passado – respondeu ele, recostando-se nas almofadas da poltrona. – Pouco depois da minha formatura. Tínhamos saído quatro ou cinco vezes e ela queria que eu conhecesse seus pais. De qualquer forma, estávamos indo para Waterloo, só nós dois. Paramos para comer alguma coisa e, ao sair, ela decidiu que queria um sorvete de casquinha. Fazia um calor causticante lá fora e, infelizmente, o ar-condicionado do carro não estava funcionando muito bem. É claro que o sorvete começou a derreter em cima dela. Muita gente teria se chateado com isso, mas ela começou a rir

como se fosse a coisa mais engraçada do mundo, enquanto tentava comer antes que ele derretesse. Havia sorvete por toda parte... no nariz dela, nos dedos, no colo e até no cabelo. Eu me lembro de ter pensado que gostaria de ficar perto de alguém assim para sempre. Alguém que conseguia rir dos inconvenientes da vida e que encontrava alegria em qualquer ocasião. Foi quando eu soube que ela era a pessoa certa.

– Você contou isso a ela na época?

– Ah, não. Não fui suficientemente corajoso. Só consegui reunir a coragem para contar no último outono.

– Ela também disse que o amava?

– Disse. Foi um alívio.

– Ela parece uma pessoa maravilhosa.

– Ela é. Eu tenho muita sorte.

Embora Mark sorrisse, Maggie sabia que ele ainda estava preocupado.

– Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer por você – insistiu ele, com a voz suave.

– Basta trabalhar aqui. Bem, isso e ficar aqui até tarde.

– Estou feliz por estar aqui. Eu me pergunto, no entanto...

– Vá em frente – disse ela, gesticulando com a vitamina na mão. – Pode fazer a pergunta que quiser. Não tenho mais nada a esconder.

– Por que nunca se casou? Quer dizer, se você pensava que casaria...

– Houve muitos motivos. Quando eu estava começando minha carreira, queria me concentrar nela até me estabelecer. Aí comecei a viajar muito, veio a galeria e... Acho que andei ocupada demais.

– E nunca conheceu alguém que fizesse você questionar tudo isso?

No silêncio que se seguiu, ela inconscientemente levou a mão ao cordão em seu pescoço e sentiu o pequeno pingente em forma de concha, certificando-se de que ainda estava lá.

– Achei que tinha conhecido. Eu sei que o amava, mas não era a hora certa.

– Por causa do trabalho?

– Não – respondeu ela. – Aconteceu muito antes. Mas tenho certeza que não teria sido bom para ele. Não naquela época.

– Não posso acreditar.

– Você não sabe como eu era. – Ela largou o copo e cruzou as mãos no colo. – Quer ouvir a história?

– Ficaria honrado.

– É meio longa.

– Costumam ser as melhores histórias.

Maggie abaixou a cabeça, sentindo que as imagens começavam a vir à tona, nos confins de sua mente. Dessa forma, as palavras acabariam aparecendo, ela sabia.

– Em 1995, quando eu tinha dezesseis anos, passei a levar uma vida secreta – começou ela.

CONHEÇA OS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim
O casamento
À primeira vista
Uma curva na estrada
O guardião
Uma longa jornada
Uma carta de amor
O resgate
O milagre
Noites de tormenta
A escolha
No seu olhar
Um porto seguro
Diário de uma paixão
Dois a dois
Querido John
Um homem de sorte
Almas gêmeas
A última música
O retorno
O desejo

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

